AVEIRO, 16 DE FEVEREIRO DE 1979—ANO XXV—N.º 1237

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

FESTIVAIS

ORLANDO DE OLIVEIRA

Vá! Não se ria! Lá pelo facto de eu não perceber nada de música, não pense que não sou capaz de alinhavar duas tretas sobre os festivais da Eurovisão ou os da Lusovisão ou os de San Remo. Se o pensou, está errado, como vai ver: sou capacíssimo.

Primo — Porque gosto de acompanhar a moda e agora, *neste país*, onde havia tantos génios encobertos, o melhor sintoma de progressismo e o de bolsar disparates sobre os assuntos que se ignoram (chama-se a isto o reinar dos incompetentes);

Secundo — Porque ainda tenho esperança de que, dentre um chorrilho de desacertos, saia alguma coisa de aproveitável.

Sirvo-me, para tanto, do paralelo entre os músicos e os aprendizes da língua materna.

Por volta dos 6 ou 7 anos começa o abençoado fadário da vida escolar. Quando a criança entra para a escola já não tem uma mentalidade virgem: possui uma cultura talvez anárquica, talvez mal orientada, resultante dos múltiplos contactos cuja influência se foi vincando mais ou menos.

Verdadeiramente admirável, é o trabalho do professor de ensino primário que, ao longo de 4 anos, consegue ordenar a tal cultura primária e encaixar na personalidade da criança esse instrumento de trabalho — ler, escrever e contar — que tanto lhe há-de prestar pela vida adiante.

E dêem-lhe as voltas que quiserem: com *«fichas»* (como agora) ou sem *«fichas»* (como no meu tempo), um jovem só tem uma boa escolaridade do ensino primário quando de lá sai a saber ler, escrever e contar.

A esses 4 anos de ensino primário seguem-se mais 7, isto é, mais 2+5, nos ensinos preparatório e secundário, ao longo dos quais continua

Continua na penúltima página

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XXXVII

De regresso a Lisboa, vinda do Porto, onde tomara parte numa festa de grande categoria, a Banda da Guarda Nacional Republicana parou em Aveiro para nos deliciar com um concerto musical.

O maestro Fão, em conversa com o seu colega, o capitão Alves, queixava-se, bastante aborrecido, da falta de atenção e, até, de consideração daquela gente do Porto, quanto à música, pois que tendo tocado, nesse concerto, Cavalgada das Valquírias, de Wagner, (peça de difícil execução, principalmente para os clarinetes) aquela gente continuou no picadeiro e na conversa, não ligando nada à música, o que motivou o aborrecimento de que, ainda, estava possuído.

Felizmente — dizia o maestro — que parou em Aveiro e iria ter a satisfação de tocar para quem sabia apreciar boa música, o que o compensava do seu aborrecimento.

Ora, na primeira parte desse concerto, quando um clarinete tocava, a solo, um qualquer número e com toda a gente a prestar a maior atenção, ouviu-se, na assistência, um risinho sarcástico que, no meio daquele silêncio, tocu mal, e obrigou toda a gente — o maestro Fão, principalmente — a olhar para o local donde ele tinha vindo.

O maestro, no intervalo, desceu e, como de costume, foi encontrar-se

Continua na página 3

Acerca duma presença na Galeria «A GRADE»

H. VAZ DUARTE

APRESENTANDO catorze trabalhos, Artur Fino expôs recentemente em Aveiro na galeria «A GRADE».

Utilizando uma técnica mista, fazendo uso de materiais «pobres»—colagens, spray, guacho, cartão ou papel de embrulho queimado (com a própria moldura simples e nua a não fugir à regra) — a pintura de A. Fino, não obstante poder ser censurada pela não existência de uma finalidade estética, originada por um aproveitamento excessivo e contínuo do desdobrar dos elementos empregados quase que «ad

Continua na página 3

MIGUEL CARVALHO

CONVERSANDO COM JOSÉ JÚLIO FINO

O C.E.T.A. DEVE PROFISSIONALIZAR-SE

«O alargamento de círculos restritos que usufruem cultura é um imperativo de qualquer projecto democrático mas não é antinómico em relação à necessidade de preservação, em muitos casos, desses mesmos círculos».

NIKIAS SKAPINAKIS — Solar de Mateus

Godot. 1962. A espera. Arrancada, prémios, Beckett!, do S.N.I. !! Todos os prémios: único meio de subsistência. Único.

Samuel apela para os directores de Teatros, que recusam. 1953, finalmente, em cena.

O CETA. 1962., 1963...

O CETA como mito. Personalidades do burgo que ficaram nas nossas nuvenzinhas. Rui Lebre, Mário da Rocha, Jaime Borges, Gaspar Albino...

«O Soldado Fanfarrão». 1978. Plauto, 250 a.C.

Refluxo. Circunstancialidade política. É necessário dizer às pessoas que sim, que o Teatro é para elas, que o Teatro não morreu. Que procura o seu próprio caminho, nesta encruzilhada do tempo total e estético, mas que continua a dar-se, a esvaziar-se de todo o sentido para ganhar novos sentidos e novas dimensões.

1979. Eleições para os corpos directivos do CETA.

Mas o CETA vale a pena?

José Júlio Fino. Ponto de encontro obrigatório em que se intersectam todas as linhas de abordagem do Círculo Experimental de Teatro de Aveiro. Centro nevrálgico das múltiplas potencialidades do CETA actual. Referência inevitável do CETA «histórico», do teatro que o CETA fez e não fez. Futuro interrogativo. Ainda J. J. F.

Continua na página 3

A ARTE PELA VIDA

VIRIATO TELES

NINGUÉM é poeta pelo simples facto de escrever o que alguns convencionaram chamar «poesia»; da mesma maneira que não é poesia qualquer miscelânea rimada que nos aparece pela frente.

Num contexto puramente literário poderemos dizer que os poetas são os que traduzem em palavras a poesia das coisas. E só assim se justifica que os atributos fundamentais do poeta sejam a capacidade para amar e sentir, para viver e dar-se aos outros.

Vem isto a propósito da chamada poesia popular e dos embustes que tantas vezes se praticam neste campo.

Feliz ou infelizmente nasci numa terra onde, apesar do nível médio de educação existente, subsistem ainda em alguns sectores da camada pequeno-burguesa da população conceitos provincialistas e dactualizados de arte e cultura. Muitos dos meus conterrâneos habituaram-se a encarar dois ou três versejadores de paróquia, autores de uns livritos onde se exaltam as belezas do sol-pôr e o prriu-piu-piu dos pintassilgos pousados numa varanda qualquer, como os *«poetas oficiais»* da zona, e as suas quadras, sonetos e quintilhas tornaram-se assim a personificação da arte poética. Segundo eles, poesia é o «dom» de fazer rimas e conjugar métricas (com palavrões caros à mistura, o que sempre dá um ar «chic» à coisa...), ainda que desprovidas de qualquer valor literário (e/ou sensitivo). Houve alguém que se lembrou de dizer que aquilo era poesia popular, tendo até surgido muito recentemente um livro compilado por um tal Fernando Cardoso em que as *poesias* de alguns fabricantes de rimas deste género são colocadas lado a lado com textos de Aleixo e Manuel Alves, numa tentativa de aproximação dos dois géneros — diferentes não apenas no conteúdo como na forma e nos objectivos visados. O livro em referência inclui um rimalhanço dedi-

Continua na página 3

2 NOTAS

GARPAR ALBINO

PREFÁCIO

Quando da 1 Exposição de Aveiro/Arte — Secção de Artes Plásticas do Clube dos Galitos — (passou quase um decénio!) escrevia eu: «Que foi Aveiro/Arte? — Pois simples e despretenciosa oportunidade dos artistas aveirenses juntarem e mostrarem os seus trabalhos. Nunca pretenderam mais, nem talvez possam ir mais longe. Mas muito menos ambicionaram — ou sonharam — nos seus trabalhos uma dinâmica capaz, por si só, de qualquer repercussão detectável no contexto sócio-político. Os artistas de Aveiro/Arte, colhidos em todas as camadas sociais, mostraram, de mangas vazias e arregaçadas, tanto quanto sabiam. E fizeram-no com toda a humildade. E, do mesmo modo, aceitaram e aceitam, como benefício, toda a crítica, seja ela credenciada, ou constitua ela, até, mero ensejo para alarde de exercícios dialécticos.»

Passou quase um decénio! Esquecemos talvez os incitamentos a novos voos (e muitos foram), como esquecemos o despeito que nos pretendeu, muito displicentemente, despejar na cloaca há muito atulhada de pruridos burgueses. Mas acontecimento sem o despertar da frustração, sem a marca da unhada deletéria, não é, de facto, acontecimento. Diluida, pois, no tempo, toda a efervescência de então, decantado que foi o que nunca tivemos como surto, resta do balanço real, a camaradagem sadia, a saudade pelos nossos mortos, o aprendizado gratíssimo que devemos aos artistas Júlio Resende e Amândio Silva.

Tudo isto, que nada é, nos basta.

Pelos componentes de Aveiro/Arte. VASCO BRANCO

1.ª NOTA

Lido o pórtico do catálogo recenseador da retrospectiva de AVEIRO/ARTE, exposição que regista participação de significativo número dos artistas de Aveiro que, em Aveiro, têm vindo a parir arte e na terra a vêm mostrando, há que fazer um momento de reflexão.

Façamo-lo. Com coragem crítica. Com auto-crítica. Qualquer grupo só o é porque há indivíduos. O que

Continua na página 3

POSTAL ILUSTRADO

MIGUEL CARRUÇO

TINHA perto de 80 anos, o ti-Francisco. Moleiro de profissão, criou com papas e caldo de abóbora uma catervada de filhos.

Nunca arranjou grande fortuna, que a indústria era pobre e os filhos não precisavam de martinis para lhes abrir o apetite! No entanto, sempre que tinha, no pé-de-meia, umas lecas suficientes para mais uma nesga de terra — fosse pinhal, terra brava ou poisio — lá ia ele, de tamancos, tec-tec, remoendo contas, à fala com o

Continua na penúltima página

VIAJAR É FÁCIL!...

...CLARO QUE «VIAJAR É FÁCIL» QUANDO UMA AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO PROGRAMA A SUA VIAGEM E TRATA DA SUA DOCUMENTAÇÃO.
POR EXEMPLO, DO SEU PASSAPORTE DE TURISTA. NÓS TEMOS PESSOAL ESPECIALIZADO QUE TRABALHA PARA LHE TORNAR A SUA VIAGEM DE NEGÓCIOS OU TURISMO AGRADÁVEL.
SOMOS A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE VIAGENS DO DISTRITO DE AVEIRO.

AVEIRO — Av. Dr. Lour. Peixinho, 223 — Telefs. 28228/9 e 26150/51
ÍLHAVO — Praça da República, 5-7 — Telefs. 22433 e 25620
ESPINHO — Rua 12, n.º 628 — Telefs. 921941 e 921285
ÁGUEDA — Rua Fernando Caldeira, 39 — Telefs. 62612 e 62353
PORTOMAR - MIRA — Rua Comb. da Grande Guerra — Telef. 45127

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— *garantia de qualidade e bom gosto* —

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL

Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal da comarca de Aveiro, correm éditos de 20 dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, CITANDO os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados, aos Executados, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de 10 dias, decorridos que sejam os dos éditos.

- • -

EXECUÇÃO : - DE SENTENÇA - PROC. N.º 84/A/74 - 1.ª SECÇÃO 1.º JUÍZO.

Exequente : - AGÊNCIA COMERCIAL RIA, sociedade por quotas com sede na Rua Conselheiro Luís de Magalhães, n.º 15, Aveiro;

Executados - DOMINGOS DOS SANTOS MIRASSOL E MULHER GRACINDA DE MATOS, ele motorista e ela doméstica, residentes na Gafanha da Vagueira, Vagos.

Aveiro, 26 de Janeiro de 1979.

O JUIZ DE DIREITO,

a) **Francisco Silva Pereira**

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) **Américo Correia Marques**

LITORAL - Aveiro, 16/2/79 — N.º 1237

CONSTRUTORES

FERROS — Directamente da Siderurgia

AREIAS DO MONDEGO (a eito, crivada, areão e cascalho)

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Consulte:

SOUSA, LEAL & C.a, L.da

Lajes — Santa Clara — COIMBRA

Telefone 27716

Brevemente — Estr. da Figueira

S. JOÃO DO CAMPO — COIMBRA

Prédio

VENDE-SE

No cais do Paraíso, 11-12 — Aveiro — r/chão-ARMAZÉM DEVOLUTO — 70m2. 1.º andar — arrendado Esc. 900$00/mês.

Informa: Telef. 25206

VENDE-SE

Simca 1100 GLS

52 000 Km.

Estado novo, motivo à vista.

Informa telef. 24466 das 8 às 12 ou depois das 20 horas.

VENDE-SE

TERRENO PARA CONSTRUÇÃO, bem situado, em Verdemilho, próximo da Estrada Nacional.

Informa-se pelo telefone 25260 (às horas de expediente) ou 28995 (a qualquer hora).

J. CÂNDIDO VAZ

MÉDICO - ESPECIALISTA

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 2.as, 4.as e 6.as

a partir das 16 horas

(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho

81 - 1.º Esq. — Sala 3

AVEIRO

Telef. 24788

Residência — Telefone: 22856

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO - ESPECIALISTA

OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em

AVEIRO

(Telefone 24355)

Consultas:
2.as, 4.as e 6.as — 10 horas

Residência:
Telefone 22660

DAR SANGUE É UM DEVER

Reparações • Acessórios

RÁDIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B

Telef. 22359

AVEIRO

J. RODRIGUES PÓVOA

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS

RAIOS X

ELECTROCARDIOLOGIA

METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.

Telefone 23375

A partir das 13 horas com hora marcada

Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-8.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO

no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas

Em Estarreja - No Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

Carnaval no Algarve

Excursão em Autopullman de luxo com ar condicionado

4 dias

23 a 26 de FEVEREIRO de 1979

- ESTADIA EM HOTEL E ALDEAMENTO TURÍSTICO DE 1.ª CATEGORIA
- REFEIÇÕES DURANTE A VIAGEM EM BONS RESTAURANTES
- PASSEIO TURÍSTICO PELO ALGARVE
- JANTAR DANÇANTE C/ CONJUNTO PRIVATIVO
- TODAS AS REFEIÇÕES INDICADAS NO PROGRAMA
- CARNAVAL DE LOULÉ
- ASSISTÊNCIA PERMANENTE DO N/ GUIA

Preço por pessoa . . . . . . 4.200$00

PEÇA PROGRAMA GERAL

ORGANIZAÇÃO E INSCRIÇÕES:

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

Concorde

AVEIRO — Av. Dr. L. Peixinho, 223 — Telefs. 28228/9 e 26150/51
ÍLHAVO — Praça da República, 5-7 — Telefs. 22433 e 25620
ESPINHO — Rua 12, n.º 628 — Telefs. 921941 e 921285
ÁGUEDA — Rua Fernando Caldeira, 39 — Telefs. 62612 e 62353
PORTOMAR - MIRA — R. Comb. da Grande Guerra — Telef. 45127

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101

Apartado 409

S. BERNARDO - AVEIRO

Telefone 25023

DANIEL FERRÃO

MÉDICO

Interno dos Hospitais da Universidade de Coimbra

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Rua Guilherme Gomes Fernandes, 97-1.º

Telefs: Consultório 24372

Residência 27421

AVEIRO

Consultas todos os dias úteis a partir das 17 horas

AVENTINO DIAS PEREIRA

ADVOGADO

Rua do Capitão Pizarro, n.º 78, r/c.

Telefone 27381 — AVEIRO

3.º andar, devoluto

Vende-se em frente ao Liceu c/ 3 quartos + I, quartos de banho, sala comum, cozinha e despensa.

Informa: Telef. 22228

LAVA

Sociedade de Representações Lava, L.da

CAIS DE S. ROQUE, 44-45

AVEIRO — Telef. 27366

Produtos de Limpeza, Protecção e Manutenção Industrial

TRESPASSA-SE

Estabelecimento no centro da cidade.

Informa telefone n.º 24436 — Aveiro.

2 NOTAS

Continuação da 1.ª página

está primeiro? O indivíduo? Ou o grupo que o amalgama?

Neste caso, a resposta é simples. Por detrás desta exposição, deste grupo de indivíduos, há, está, uma colectividade que *cada* e *todo* Aveirense quer como sua: o GALITOS, que comemora, neste ano de 79, setenta e cinco anos de vida ao serviço da terra que assumimos como nossa.

O GALITOS que já, antes, promovia exposições de arte, que viu dentro de si surgir a nado-morta secção — CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DO CLUBE DOS GALITOS —, com estatutos e tudo, consequência da I EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS AVEIRENSES e que tão bem foi utilizada pelo aveirense de Viseu Orlando de Oliveira, para justificar a criação dum estabelecimento votado, *também*, às *artes plásticas* e que, hojeé comummente conhecido pelo Conservatório da Gulbenkian de Aveiro.

O GALITOS que mantinha — esperamos que mantenha! — uma biblioteca onde as revistas de arte tinham lugar e eram acessíveis a todos e qualquer.

O GALITOS que subsiste, porque persiste, no seu aveirismo — palavra tão brincada! — e que comporta depois o surgir de AVEIRO/ARTE que orgulhosamente pode dizer que já quase tem dez anos para mais se poder abrir a novos cometimentos.

O GALITOS: 75 anos de vida de uma cidade que nele, para além da Ria, a seu lado, sempre, também se espelha.

E, se bem que a nossa Ria, para nosso insulto, se assemelhe a uma cloaca, e rescenda como tal, não deixa, contudo, de permitir um espelho líquido de *maré cheia* que reflecte a cor dum «Espelho da Cidade» — prima obra de Vasco Branco por todo o mundo a vender-nos naquilo que de belo — *malgré tout* — esta terra tem.

Aveiro é GALITOS. GALITOS esteve, está em AVEIRO/ARTE. E é, no espírito desta terra, o que AVEIRO/ARTE é.

Tão só.

2.ª NOTA

AVEIRO/ARTE, entretanto, é artistas. Artistas que desejariam, por certo, sê-lo a tempo inteiro. E não são.

E, aí, já não há Aveiro, GALITOS, *AVEIRO/ARTE*. Há frustação do que poderiam ser, tinham e têm direito a ser, todos os que perseguem um ideal de se assumirem na vida como artistas de corpo inteiro.

E, aí, sem dialécticas desnecessárias, até porque talvez o sejam, AVEIRO/ /ARTE é insulto!

Uma exposição equilibrada — alguém me dizia — com ar tranquiilzador. A sala — todos o reconhecemos! — é que não dá para mais!, também se acrescentava. Parece que vai haver um pavilhão, ali, no Rossio, murmurava-se.

O esforço de muitos que, para além do que é exigível a qualquer mortal, depois dum dia passado a dirigir farmácia, a somar sucessão de números de sinais mais e menos, a programar vida da vida dos outros, a fazer «design» ou tão simplesmente «cartazes», a escrevinhar «linguado» para jornal mostrar, a advogar a causa que repugna, depois!... Depois? AVEIRO/ARTE é isso mesmo: o que não é e que poderia ser!

Artistas estão lá a quererem sê-lo.

De forma tão honesta!..., tão válida!..., tão mesmo artista!!! Mas só na vontade forte de se não negarem no mais fundo de si mesmos.

Como seria diferente, diferentemente!

GASPAR ALBINO

Acerca duma presença na Galeria «a grade»

Continuação da 1.ª página

infinitum», é rica na unidade apre entada, na disposição dos elementos, no equilíbrio encontrado.

Semelhantes às prpopostas de Kasimir Malewich ou Mondrian (última fase) — que acreditaram na possibilidade de a geometria, por si só, ser suficiente para representar o mundo dos objectos através de elementos não figurativos, renegando de certa maneira o cubismo de Braque e Picasso—, a fracturas de A. Fino revelam-nos uma tendência para uma quase abstracção geométrica e se, por acaso, as não consideramos como reflexo de um suprematismo puro, o facto deve-se, quer à não exploração total das potencialidades geométricas, quer à diferenciação qualitativa dos elementos utilizados, tudo isso aliado a uma possibilidade de se encontrarem ingredientes poéticos, que em certa medida completam a originalidade dos trabalhos expostos.

Todavia, não é da procura de situações pictóricas, na obra de A. Fino, que se podem extrair consequências válidas. Toda a contribuição para um maior conhecimento estaria, assim, ab initio perdida, mergulhada em discussões teoréticas, mais ou menos académicas, mais ou menos subjectivista, se não depreendessemos, da obra vista como um todo, o seu próprio substracto, a abordagem do fundo da questão — numa palavra: o rebusco duma interpretação teleológica.

Para isso, e de certo modo, muito contribui a imposição do autor ao considerar o espectador (?), não como um sujeito passivo, fácil, instalado, mas como um indivíduo que pensa e raciocina, obrigatoriamente forçado a uma comunicação reiterada e quotidinana com os outros, adstrito, portanto, a uma linguagem. Por isso, defronte de um quadro de A. Fino, é-se obrigado a ir além duma simples verificação da disposição dos elementos. É-se forçado à compreensão de uma nova linguagem — não uma linguagem rotineira, formalista, estéril, monocórdica (tipo presidencial), totalmente despida de uma salutar ginástica mental aplicada — mas uma linguagem viva, diferente, com conteúdo, sujeita à formulação de novos juízos de valor.

O pintor faz do espectador-observador um outro criador, na medida em que este, utilizando a abstracção imposta por aquele, emprega-a novamente para deduzir, construir o seu próprio quadro. Daí a validade da proposta de A. Fino: considerar o outro lado do quadro como elemento activo, duma relação puramente comunicativa.

Esta atitude, parcialmente, ou melhor, quase totalmente não egoísta, — atende-se aqui ao «perigo» da utilização repetitiva do desdobrar que poderá limitar o âmbito de resposta de quem observa —, mas emotiva e fortemente educativa, expressa nos trabalhos de A. Fino, vai contra toda aquela valoração fundada na superficialidade de observação, com vista à manutenção dum status quo que assente em juízos artificiais (fotográficos), vazios (copiados) e negativos (imitados).

Urge, portanto, revolucionar, imaginar, criar.

Urge comunicar e compreender formas novas de linguagem artística.

Urge, em suma, aceitar o desafio de Artur Fino.

H. VAZ DUARTE

Achegas para a Historiografia Aveirense

Continuação da 1.ª página

com o capitão Alves a quem perguntou se conhecia o cidadão que lhe indicou — e que havia fixado ser o do vizinho — e se ele era músico.

O capitão Alves disse-lhe que se tratava de um pescador, que de música nada sabia, mas que tocava, de ouvido, violão: era o ZÉ NHÃ.

Mestre Fão mostrou interesse em lhe falar, pelo que o capitão Alves o chamou, dizendo-lhe que o Maestro o queria conhecer.

De entrada, perguntou-lhe: — Foi o senhor que deu aquele risinho que se ouviu quando o solista executava a sua parte; por que o fez?

O ZÉ NHÃ, sem se desmanchar em frente de tão grande autoridade musical, respondeu: é que ele deu uma «fífia» pois em vez de dizer assim (e cantarolou a frase como devia ser), disse assado (e repetiu o que o clarinete tinha tocado).

Mestre Fão, muito admirado com a resposta — que correspondia à realidade — voltou a perguntar-lhe: — Mas, você conhece a peça? Sabe música?

ZÉ NHÃ responde não conhecer a peça, nem saber música; e, por sua vez, interroga: — De que nos servem os ouvidos?

O maestro Fão não se zangou com este acontecimento; e, quando, pouco tempo depois, a Banda da Marinha teve de vir a Aveiro tomar parte numa festa oficial, Banda que era regida pelo seu irmão, ele preveniu-o: tem cuidado com o reportório e com a execução pois que, em Aveiro, até os pescadores sabem ouvir música, e têm a coragem de assinalarem os erros que se fizerem; e contou ao irmão o que, com ele, se tinha passado.

Em certa altura, em Aveiro, houve 3 bandas de música: a Banda Amizade (a «Música Velha»), a Banda de José Estêvão (a «Música Nova» ou a «Patela») e a Banda dos Bombeiros Voluntários Guilherme Gomes Fernandes (a dos «Guilhermes») todas elas de grande nível artístico e mantendo, cada qual, a sua escola de aprendizes.

E cada uma tinha a sua «claque» a que, agora, se chama «fans» e que, então, se denominavam de «nordestes» que não só contribuíam, monetariamente, para a sua manutenção, como, também, amparavam, moralmente, os seus dirigentes nas dificuldades e problemas que, de vez em quando, surgiam no seu seio.

E acompanhavam a Banda da sua predilecção em todas as suas deslocações — ainda as mais distantes — e lá estavam a aplaudi-la, no final da sua execução.

E chamavam-se de «nordestes» porque havia um cidadão com este nome, que morava no Alboi e que era todo adepto da «Música Velha» o qual, numa altura em que esta estava em crise (qual será a associação que, com a idade desta Banda,

Conclui na página 5

A ARTE PELA VIDA

Continuação da 1.ª página

cado a Salazar — antecedido de meia dúzia de palavras justificativas (?) do próprio Fernando Cardoso —, e um outro, escrito na altura da guerra civil espanhola, enaltecendo o franquismo e vomitando maldições à Frente Popular. O antologista diz ainda que os autores, coitados, são homens de pouca cultura, que escreveram os textos na melhor das intenções, e etc., etc.

Sabemos da quantidade enorme de pseudo-poesia que infesta os escaparates das livrarias e que o público leitor tantas vezes engole como literatura. Sabemos também o significado do termo «poesia popular» e da maneira como ele tantas vezes é utilizado. É imprescindível classificar como popular o que visa objectivos manifestamente impopulares, ainda que seja obra de um homem do povo. É impossível chamar poesia popular a um texto sobre as virtudes (quais?) de Salazar, Franco ou Henrique Tenreiro. A nossa consciência de antifascistas não permite a existência de um meio termo: ou se está com o povo ou contra ele. E estar com o povo significa querer construir um futuro melhor, lutar contra a opressão e a miséria. A poesia, como sinónimo de liberdade, tem também esta função. E por isso António Aleixo se tornou o expoente máximo dos poetas populares portugueses. Sem subterfúgios e falsas modéstias, sem cinismos ou hipocrisias de qualquer espécie. Directo e simples, falando aos homens do povo como ele. Com a beleza e a força necessárias a qualquer poema. Porque simplicidade não tem forçosamente de ser o mesmo que falta de qualidade, e Aleixo foi disso a prova.

Muitas vezes se pretende criar compartimentações na poesia, como se fosse possível encarcerar em estreitas definições toda a grandeza que ela própria implica.

O próprio conceito de poesia popular é demasiado abstracto para que se possa incluir em meia dúzia de linhas. E constitui por vezes uma espécie de alibi, utilizado por pessoas de sectores sociais e políticos diversos, diga-se, como justificativa para determinadas produções sem qualquer nível artístico.

Assim, antes de se falar em poesia popular é necessário compreender o verdadeiro sentido da poesia e saber distinguir aquela que o é de facto, sem pruridos classistas de consciência. Houve já quem me dissesse não considerar Brecht um poeta porque os seus textos não rimam... São estas visões medievais da arte que é necessário combater. Para que as pessoas se habituem a sentir a poesia (e todas as manifestações de criatividade humana) tal como ela é na globalidade, sem fantasias — no sentido parasitário do termo — de qualquer ordem.

Aprender a encarar a arte para se poder encarar a vida. Reside aqui a chave de todo o problema. E, dada a complementariedade de ambas, é impossível a existência de uma sem a compreensão plena da outra. Não se trata, bem sei, de uma tarefa fácil. Muitos acham que tudo isto é uma perfeita idiotice, outros têm medo de se descobrirem a si próprios, porque apesar de tudo é mais cómodo o dia-a-dia sem grandes preocupações que não sejam a de «fazer o que lhe mandam» e não pensar mais no caso.

Mesmo assim estamos na disposição de continuar. Teimosamente, na certeza de que a razão nos acompanha. E deixando que seja o futuro o nosso único juiz.

VIRIATO TELES

Conversando com José Júlio Fino

Continuação da 1.ª página

Actor, encenador, ou encenador-actor, dinamizador teatral em várias frentes:

Creio que sim. Que o CETA tem potencialidades enormes para se lançar, como grupo profissional, numa actividade teatral constante e que será bem sucedida.

O problema da profissionalização depende da SEC. Temos que ter subsídios sólidos que nos permitam encarar a nossa actividade com o máximo de entusiasmo. Aliás, o CETA já perdeu essa oportunidade. Por culpa própria. Nos últimos 2 anos a SEC possibilitou a profissionalização de alguns grupos da província; em dois casos fomentou mesmo a criação de novos grupos que passaram a receber o subsídio com vista a uma actividade a tempo inteiro em vários pontos do país.

O CETA perdeu essa oportunidade porque se deixou cair num certo comodismo, não teve aquela actividade sistemática que justificaria o apoio lá de cima.

Mas o CETA tem todas as potencialidades para se transformar num grupo profissional: **material humano teatro próprio... e que diabo!, o CETA tem 16 anos. Alguma coisa se fez.**

Uma certa «mentalidade profissional» é, de resto, a característica do grupo que José Júlio Fino crê ser mais importante ainda, em relação a outros grupos, (**nós ensaiámos «O Fanfarrão» diariamente!**), com vista ao reconhecimento e apoio oficiais.

Pensa-se em chamar antigos colaboradores, pessoas muito qualificadas para todo o género de coisas, que não têm colaborado directamente até porque nem sequer têm sido solicitadas.

O CETA visto daqui, isto é, frente às palavras fiadas (como as pérolas) e desempoeiradas do Zé Júlio. Realidade exterior. Referente.

Aprcebemo-nos de uma certa distância entre o que Zé Júlio chama **«potencialidades enormes»** e ele próprio, signo todavia disso tudo, para nós. É que J. J. F. está também, e talvez mais, ligado ao Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda, que fundou, e a sua estadia no CETA (para «O FANFARRÃO») tem algo de contrato a prazo. Marcou um regresso (após 2 anos de quase demissão — coincidente... com o folclore político que terá também ofuscado o CETA) e não é ainda certo que este regresso se traduza em ver o desejo nas mãos... como as castanhas.

Ele di-lo: **Só uma nova direcção, que queira mesmo trabalhar, poderá contar comigo. Não que os actuais dirigentes** (aliás em n.º de 3 porque os outros 12 desertaram...?) **não sejam elementos válidos. Mas talvez estejam um pouco desfazados do teatro e por outro lado cairam num certo «deixa correr» comodista não sei porquê.** História ilustrada por: **um dia, depois de uma representação, apareceram lá uns moços que queriam tornar-se sócios. Ninguém os tinha contactado: apareceram. Eu próprio, não vendo ninguém mexer-se, arranjei umas fichas para eles preencherem, umas fichas antigas... Deixei-as na secretaria. Outro dia fui lá. As fichas andavam pelo chão!...**

A nova Direcção deverá promover toda a actividade do Grupo, ou pelo menos facilitar essa actividade. Para isso deverão integrá-la elementos com preocupações culturais, incluindo elementos do sector artístico. O que sucede actualmente é ridículo. O sector artístico vê-se forçado a todo o género de trabalhos para poder representar. «O Fanfarrão» esteve para não ser estreado por questões inter-

Conclui na página 5

FARMÁCIAS DE SERVIÇO	
Sexta	AVEIRENSE
Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
Segunda	OUDINOT
Terça	NETO
Quarta	MOURA
Quinta	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

O PLANO DIRECTOR DA CIDADE ESTARÁ PRONTO ANTES DO PRAZO

No penúltimo fim de semana, os técnicos da Câmara e os da «Macroplan», empresa a quem a Edilidade aveirense encomendou o estudo do novo Plano Director da Cidade, estiveram reunidos a fim de discutirem e acertarem pormenores relativamente àquele importante documento, que bem poderá dar uma sacudidela definitiva em toda a vida de Aveiro, quer esta se situe no aspecto económico, quer no social.

Para já, sabe-se que aquela importante empresa de estudos urbanísticos e portuários terá pronto o Plano da Cidade antes do prazo acordado, devendo fazer a sua entrega provavelmente já no próximo mês de Maio, isto é, uns três meses antes do que foi acordado e previsto.

Importará talvez e pela sua importância registar as declarações que o Arq.º Augusto Brandão, Presidente do Departamento de Arquitectura da «Macroplan» e responsável pela equipa que, há vários meses, estuda a nossa cidade em todos os seus pormenores, prestou ao conceituado matutino portuense «Jornal de Notícias» e que, em parte e com a devida vénia, aqui transcrevemos:

«Temos recebido muita colaboração, tanto das entidades aveirenses como governativas, pois o plano não é só delineado e estudado localmente. Estamos permanentemente em contacto com departamentos do Estado para que não haja depois muitos desencontros no ajuste final. Para já o Plano Director aponta para uma política de tráfego, vias rodoviárias e a integração da Universidade na própria cidade. Também estudamos a integração dos polos de desenvolvimento que o FFH criou em Santiago».

O Arquitecto Augusto Brandão citaria adiante que a cidade de Aveiro está dividida em duas partes: Norte e Sul. Ao Norte vai situar-se a parte industrial onde será necessário criar polos de desenvolvimento habitacional e de equipamento, pois o crescimeno demográfico vai ser um facto. E ao Sul situa-se o porto de mar criando problemas diabólicos de tráfego entre aqueles dois estremos.

Mas há problemas pontuais muito prementes. Um deles é o dos acessos. Está definido que serão três os nós que entroncarão nas comunicações citadinas. Sabe-se também que vingaria a ideia de o nó central ser deslocada mais para o Sul, não atravessando a Universidade, atendendo ao tráfego muito rápido e directo que se tem que fazer para o porto e porque a zona em que ele passaria é ecologicamente muito importante.

Outro ponto de grande saliência: as vias de escoamento de tráfego citadino sabido que Aveiro tem, a bem dizer, a Avenida Dr. Lourenço Peixinho e quase nada mais. Sobre isto diria o arquitecto Augusto Brandão:

«Marginar essa artéria partindo do Rossio, atravessando os terrenos do Paula Dias até se tocar na Variante será uma das nossas grandes preocupações. Temos de apontar para passagens desniveladas e também superiores, como é o caso da Avenida 25 de Abril».

Para que o Plano não esteja ainda mais adiantado, tem sido a causa a grande dificuldade que se tem deparado a toda a equipa no levantamento que tem andado a fazer na zona rural, pois que «as plantas não indicam tantas construções como as que temos visto e portanto mentem-nos». Sabe-se que os técnicos da «Macroplan» já fizeram todo o levantamento da cidade e agora já se está em condições de afirmar que a cidade tem de criar muitos equipamentos e ver onde os mesmos podem ser localizados. E há a convicção de que se aponta para escolas do tipo polivalente.

Mas ainda dentro dos tais pontos prementes situa-se o do tráfego havendo que o retirar do centro da cidade. Tem-se que criar parques de estacionamento a partir dos nós de acesso ao centro urbano de modo a que as pessoas deixem os seus carros nesses parques ao mesmo tempo que tanto o tráfego de fixação como o de passagem não venham para a baixa citadina.

Para o Arquitecto Brandão este Plano, encomendado pela Câmara Municipal não será para meter numa gaveta. É certo que ele terá de merecer a aprovação camarária (coisa muito provável dado o estreitamento contínuo de troca de pontos de vista) como ainda da Assembleia Municipal e depois das entidades governativas. Mas a Câmara poderá começar a pensar e a fazer já obras ou a autorizar a construção de prédios, mesmo sem o dizer oficialmente, com base no Plano que lhe vai ser entregue. E dentro de três semanas o Plano terá o seu esboço pronto para ser discutido».

«Aveiro, se as entidades todas colaborarem, pode ser um polo extremamente importante de todo o desenvolvimento da Região Centro do País. Primeiro porque possui um núcleo industrial que a Câmara previra com um desenvolvimento muito grande. Depois com uma política atrevida por parte das entidades locais e com o apoio de todos os técnicos oficiais pode tudo conjugar-se para o desenvolvimento de um núcleo industrial muito forte».

Mas o arquitecto Augusto Brandão que tem feito quase todos os estudos actuais dos portos portugueses não deixaria de ligar este Plano Dirtctor do concelho de Aveiro com o desenvolvimento do porto de mar, afirmando:

«Se na realidade a previsão do porto, for consentâneo com uma política de descentralização das entidades centrais e com um reforço extremamente forte das locais Aveiro pode ser o polo de escoamento de todos os produtos que fabriquem ou cultivem na zona Centro do País».

E cita o que entende por uma política de portos:

«O País não pode suportar encargos sistemáticos de pequeninos portos ao longo de toda a costa. Nós temos de acordar em cinco, seis ou sete portos extremamente bem equipados e que dêm o escoamento dos produtos das regiões interiores. E concretamente o porto de Aveiro tem de ser profundamente estudado dentro de uma política desse tipo. E isto pelos estudos que temos feito consideramos Aveiro com condições únicas para nós e que apontam para um desenvolvimento extremamente largo o que vai fazer com que haja uma autêntica corrida para Aveiro».

E os índices mostram ao Arquitecto Augusto Brandão que o fenómeno demográfico iria aumentar nesta zona, desde que mar e terra se conjuguem, prevendo que a cidade irá mais do que nunca apontar a sua vida para um dos três primeiros lugares na vida económica social e demográfica das cidades portuguesas».

«LE BATEAU LAVOIR» ou As Origens do Cubismo

Integrado nas Comemorações dos 75 anos do Clube dos Galitos, será exibido nos próximos dias 20, 21 e 22 do corente mês, no salão cultural da Câmara Municipal de Aveiro, um espectáculo audio-visual montado por M.me Jeanine Warnod, crítica de arte do jornal FIGARO e composto de aproximadamente 200 diapositivos e de um texto em português.

Esta extraordinária demonstração de arte é proporcionada pela Embaixada de França e patrocinada pelo Museu Regional de Aveiro e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Pela primeira vez nesta cidade, poder-se-á tomar contacto com imagens imortais do local que ficou para sempre como o símbolo da maior aventura pictural do século e por onde passaram os pioneiros da arte moderna Van Dongen, Matisse, Derain, Picasso, Braque, etc.

«LE BATEAU LAVOIR» era uma das tantas moradias situadas em pleno coração de Montmartre e que, no princípio deste século, era habitação e estúdio de grande quantidade de artistas que viviam, na sua maior parte, na miséria.

Iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Por iniciativa da Câmara Municipal de Ílhavo, foi constituida uma Comissão Concelhia para dinamizar as celebrações do Ano Internacional da Criança.

Integram esta Comissão representantes de todos os sectores e instituições mais directamente ligadas à criança.

Entre outras iniciativas, sobressai a Campanha «DÊ O PRIMEIRO LUGAR À CRIANÇA».

Por meio de cartazes a afixar em todos os estabelecimentos e lugares públicos, o povo vai ser convidado a dar o primeiro lugar à criança: na família, no atendimento, no ensino e educação, nas travessias de peões (nas estradas), na vida de todos os dias, nas mais variadas situações.

Esta Campanha será lançada pelas próprias crianças das escolas que contactarão nos lugares públicos, explicando a finalidade da iniciativa e oferecendo o cartaz para afixar.

No dia nove do corrente, as crianças do concelho de Ílhavo deram o primeiro passo desta Campanha.

CERCI-AV

Por iniciativa da CERCI-AV — Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas —, reuniram-se, no dia 1 do corrente, várias Organizações do Concelho, interessadas na Defesa dos Direitos da Criança e tendo como finalidade a formação duma Comissão Coordenadora local, que leve à prática os vários projectos de realizações para o Ano Internacional da Criança.

Das cerca de 30 estruturas contactadas, estiveram presentes 17, as quais se vincularam à Comissão local, elegendo um executivo com a seguinte composição: 1 Professor do Ensino Primário; 1 Professor do Ensino Secundário; Corpo Nacional de Escutas; Associação de Pioneiros de Portugal; Associação dos Alunos do Magistério Primário; Departamento de Mulheres da U.S.A.; C.T. da Caixa de Previdência; CERCI-AV; e Clube dos Galitos.

Foi unanimemente aceite que esta Comissão estará «aberta» a todas as estruturas e Entidades Oficiais e populares, orgãos autárquicos, sindicatos, organizações de crianças, de jovens e mulheres e a todas as forças vivas da cidade, interessadas neste objectivo comum e enviar nova convocatória a todas as organizações que não estiveram presentes e a outras que, por desconhecimento, não foram convocadas para a primeira reunião.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 16 — às 21.30 horas — SEMENTE DE TAMARINDO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 17 — às 15.30 e 21.30 horas — OS DOIS FILHOS DE TRINITÁ — Grupo C — 14 anos.

Domingo, 18 — às 11 horas, manhã infantil — A DAMA E O VAGABUNDO — Para todos.

Domingo, 18 — às 15.30 e 21.30 horas — OS COMEDIANTES — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine Teatro Avenida

Sexta-feira, 16 — às 21.30 horas — A LENDA DO XERIFE PUSSER — Interdito a menores de 13 anos.

Sábado, 17 — às 15.30 e 21.30 horas; e Domingo, 18 — às 15 e 21.30 horas — 21 HORAS EM MUNIQUE — Interdito a menores de 13 anos.

Domingo, 18 — às 17.30 horas, matinée clássica — O INTRUSO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Segunda-feira, 19 — às 21.30 horas — HUBBA-HUBBA — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 20 — às 21.30 horas — INOCÊNCIA PERDIDA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

COOPERATIVA AGRÍCOLA DE AVEIRO E ÍLHAVO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

O Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo, em conformidade com o disposto nos Estatutos, convoca todos os Associados a participarem na Assembleia Geral que terá lugar no dia 4 de Março de 1979, (Domingo) pelas 10 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informações

2 — Proposta de Alteração dos Estatutos (Capítulo II - Dos Associados - Art.º 5.º - Alínea C e Art.º 6.º § 3.º

3 — Proposta de Alteração do Capital Social

LOCAL DA ASSEMBLEIA — Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro (por cima do Turismo).

Nota: — Conforme § único do Art.º 23.º dos Estatutos, quando da 1.ª Convocatória não comparecerem associados em número suficiente, poderá a Assembleia reunir legalmente em 2.ª Convocatória, uma hora depois, podendo então deliberar validamente com qualquer número de Associados.

Aveiro, 13 de Fevereiro de 1979.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL,

Manuel Dias Póvoa

JEAN - Cabeleireiro

Participa às suas clientes que, de 17 a 21 deste mês, se encontrará ausente por se deslocar a Paris onde vai assistir ao lançamento da LINHA MODA PRIMAVERA/VERÃO da «HAUTE COIFFURE FRANÇAISE», na qualidade de membro activo desta entidade de promoção e difusão da moda em todo o mundo.

Novo impulso à actividade do C. E. T. A.

O C.E.T.A. (Círculo Experimental de Teatro de Aveiro), pretendendo dar um novo impulso à sua actividade, prepara-se para lançar o seu espectáculo «O FANFARRÃO». Com base no texto latino de Plauto, adaptado de forma a manter a comicidade e as características de sátira social do texto original e tornando-o mais vivo e moderno, José Júlio Fino, o autor da adaptação e da encenação, procurou obter um espectáculo de características populares.

Aliando os factores de agrado e acessibilidade do espectáculo e a possibilidade de montagem em qualquer sala, o C.E.T.A. iniciou contactos para levar o seu espectáculo a variadíssimos locais: Casas do Povo, Associações Culturais, Fábricas, etc.

Assim, todas as entidades interessadas na apresentação desse espectáculo poderão contactar o C.E.T.A., nesse sentido, para a sua sede sita na Rua das Tomázias, 14 — AVEIRO.

Exposição de trabalhos do artista ANTÓNIO CARMO

Às 16 horas de amanhã, sábado, será inaugurada, na conceituada Galeria «A Grade», ao n.º 17 da Rua do Dr. Alberto Souto, uma exposição de pintura, desenho e *gouache* da autoria do conceituado artista António Carmo.

O certame patentear-se-á ao público até 28 do corrente: no domingo, das 16 às 19 horas; e, nos restantes dias, nos período do horário comercial.

Na P. S. P. LEILÃO DE ACHADOS

No dia 22 do corrente, com início às 10 horas, realiza-se, na esquadra da PSP de Aveiro, o leilão dos achados na via pública, que não foram reclamados no prazo legal.

Um valioso achado

Quando tentava transpor um pontão, no caminho que liga Eixo a S. João de Loure, desequilibrou-se e caiu da bicicleta em que seguia o estucador Filinto Bastos, de 52 anos e residente em Azurva, que foi arrastado alguns metros pela força das águas das cheias.

Todo molhado e aflito pela difícil situação em que se encontrava, o sr. Bastos agarrou-se com toda a gana a um velho muro, mas o inesperado estava para acontecer.

«Quando ia a trepar para cima do muro, este em parte desmoronou-se. Saltou-me logo à vista uma abertura de meio metro. Este muro já é do tempo do meu bisavô, e o meu bisavô contava que no tempo do seu bisavô o muro já existia, o que quer dizer que o muro é mais velho que a Sé de Braga. Então o que eu vi nessa abertura. Uma caixa de couro da Índia, trabalhada, mas quase desfeita. Abri-a e lá dentro havia uma espécie de guitarra sem cordas».

E depois de acender um cigarro o sr. Bastos continuou a sua narrativa: «É claro que logo correu a notícia que o Bastos tinha achado um tesouro. Passados dias vieram cá dois senhores de *Mercedes* e que eram de Lisboa que me ofereceram 75 contos pela guitarra e 2 bilhetes de avião, ida-e-volta, com estadia paga na Madeira. Olhe, essa viagem até coincidia com o desafio que o Beira-Mar lá fez. O meu primo que assistia à conversa e que por sinal é músico, piscou-me o olho e o negócio já não se fez. Sabe, desconfiamos de tanta fartura. Combinei depois com o meu primo e fui entregar a caixa com o instrumento ao sr. Manuel Duarte, da *Casa dos Jornais*, que é homem conhecedor, ou não fosse o Presidente da *Banda Amizade*».

Segundo a Agência noticiosa *Tass-Farn* que expandiu a notícia para a América do Norte e para a China, o achado caiu como uma bomba nos meios mafiosos de negócios de antiguidades na Europa e nos países da C. E. E. É que o precioso achado é uma cítula do tempo do Renascimento. No Mundo só existem dois exemplares, um em cada um dos lados da cortina-de-ferro.

Contactado por um jornal alemão, o sr. Manuel Duarte antigo executante e apreciador de música sinfónica declarou: «Logo que vi o instrumento fiquei espantado. É uma obra de arte. Lembrei-me do programa *Gente de Paz* do Dr. Hermano Saraiva. Não deixarei que a cítula saia do País. Peritos no assunto já abriram a boca de pasmo com tamanha preciosidade».

Segundo fonte fidedigna, realiza-se já neste mês no próximo dia 24, na *Metalurgia Casal*, uma exibição de outros instrumentos musicais de corda, de percussão e de sopro, por ocasião do famoso *Baile do Farnel* e que não têm comparação possível com o precioso achado que pode ser visto e analisado na *Casa dos Jornais* em Aveiro.

A. C. S.

FALECERAM:

● Com a idade de 69 anos, faleceu, em 18 de Janeiro transacto, na sua residência, ao n.º 42-1.º da Rua do Conselheiro Luís de Magalhães, onde residia, a sr.ª D. Margarida Resende de Melo Dias, deixando viúvo o sr. Quintino Maia Dias, sócio da Vassouraria Aveirense.

A saudosa extinta foi a sepultar no cemitério de Lamas do Vouga.

● No mesmo dia, faleceu o sr. António Alves, que residia na Rua de José Falcão, em Esgueira.

O saudoso extinto, que contava 77 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Lucinda Martins dos Santos; e pai do sr. António Santos Alves, gerente da firma Alves & Galante, de Cacia, marido da sr.ª D. Maria Helena Ferreira Pimenta Alves, funcionária da Casa do Povo de Esgueira.

● Com a provecta idade de 94 anos, e também em 18 do mês findo, faleceu, no lugar de Alumieira, freguesia de Esgueira, onde foi a sepultar, a sr.ª D. Maria de Jesus Gaspar.

A veneranda senhora era solteira

● Também em 18 de Janeiro, faleceu a sr.ª D. Luísa António Branco Corado, que residia ao n.º 58 da Rua de José Estêvão.

Pertencente a uma família muito conhecida e respeitada na cidade, a veneranda extinta, que contava 83 anos, era viúva do saudoso Manuel da Silva Corado; tia do sr. Fernando Branco Mendes de Almeida; e avó do sr. Emanuel Branco Corado.

Foi a sepultar no dia imediato, após missa na capela de S. Gonçalinho, no Cemitério Central.

● No dia 19, faleceu, com 70 anos de idade, o sr. Raul Sancho Rodrigues, que deixou viúva a sr.ª D. Luísa Ferreira da Silva.

O saudoso extinto, que morava na Rua de Bento de Moura, em Esgueira, foi a sepupltar no Cemitério daquela freguesia.

● Com 74 anos de idade, e no estado de viúva do saudoso Álvaro Monteiro, faleceu, no dia 20, a sr.ª D. Carmen de Jesus, que residia na Rua de 5 de Outubro (Bairro do Lé).

A saudosa extinta era mãe das sr.ªs D. Noémia e D. Eugénia de Jesus Monteiro e do sr. Jorge de Jesus Monteiro; e sogra do sr. José Pinto Calisto.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, na manhã do dia 23, no Cemitério Sul.

● No dia 28, e quase nonagenário (rigorosamente com 89 anos de idade), faleceu, na sua residência, ao n.º 58 da Rua de S. Sebastião, o sr. José Pereira Grijó.

O venerando extinto, que foi competentíssimo Escrivão de Direito, designadamente na Comarca de Aveiro, onde serviu zelosamente durante muitos anos, era, pelo seu trato afável e vertical honestidade, respeitado por quantos o conheciam.

Foi a sepultar na tarde do dia 30, após missa de corpo presente, na igreja de Santo António, no Cemitério Sul.

Era sogro da sr.ª D. Marília de Brito Duarte Grijó; e avô dos srs. José Domingos Duarte Grijó e João Américo de Brito Grijó.

● No dia 1 do corrente mês de Fevereiro, faleceu, com a provecta idade de 94 anos, a sr.ª D. Lazarina Duarte, que morava na Rua de Mário Sacramento, ao n.º 114, r/c.

A saudosa velhinha era mãe da sr.ª D. Maria da Conceição Duarte, casada com o sr. Albano Baptista.

Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

● Com 86 anos de idade, vitimado por trombose cerebral, faleceu, no dia 6, o sr. João Jerónimo Dias, que residia ao n.º 62 da Rua de José Estêvão.

Mais conhecido por «João da Roleta», o saudoso extinto, que nasceu em Espinho, desde cedo se radicou em Aveiro, onde era justificadamente estimado.

Deixou viúva a sr.ª D. Adelaide da Silva Dias; e era pai da sr.ª D. Maria José Figueiredo, proprietária da «Casa Cristal» e casada com o sr. Jaime Figueiredo, e do nosso bom amigo Carlos Alberto da Silva Jerónimo, actual e dinâmico Presidente da Direcção do Clube dos Galitos e antigo Vice-Presidente do Município Aveirense, marido da sr.ª prof.ª D. Bernardete Jerónimo.

Foi a sepultar no dia imediato, após missa na igreja de Santo António, no Cemitério Sul.

● Fomos dolorosamente surpreendidos com a infausta notícia do passamento, no dia 7, do nosso bom amigo Luís Pedro da Conceição, que viria a falecer de doença insuspeitada.

O saudoso extinto, filho do que foi um dos reputados proprietários da tão conhecida e há muito extinta, fábrica de cerâmica da Fonte Nova, Manuel Pedro da Conceição, desempenhava, desde há muito, elevadas e responsabilizantes funções na tão creditada Fábrica de Porcelana da Vista-Alegre.

Contava 67 anos de idade. Deixou viúva a sr.ª D. Lúcia Georgina da Silva Soares da Conceição; era pai das sr.ªs D. Maria Francisca Soares da Conceição Tavares Barreto, casada com o sr. José Evangelista Tavares Barreto, da sr.ª D. Maria Lúcia Soares da Conceição Marrecas Ferreira, esposa do sr. João Luís Marrecas Ferreira, do sr. Carlos Manuel Soares da Conceição, casado com a sr.ª D. Ana Maria Sanches Soares da Conceição; e irmão da sr.ª D. Iria Abrantes Almeida Neves e do nosso e distinto amigo Dr. Albano Pedro da Conceição.

Foi a sepultar, no dia imediato, após missa na igreja de Santo António, no Cemitério Central.

● No dia 10, com 61 anos de idede, faleceu, na sua residência, ao n.º 26 da Rua do Tenente Resende, a sr.ª D. Dora Ferreira Sérgio, conceituada comerciante da praça aveirense.

Era casada com o sr. José Ferreira da Maia, competente funcionário de Finanças; e mãe do sr. Eng. João José Ferreira da Maia, marido da sr.ª D. Maria da Graça Gonçalves de Jesus Henriques Ferreira da Maia.

Após missa de corpo-presente na capela de S. Gonçalinho, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Central.

Às famílias em luto os pêsames do Litoral

COMANDANTE MANUEL BRANCO LOPES

AGRADECIMENTO

Sua família vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Aveiro, 14 de Fevereiro de 1979

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

No dia 28 de Fevereiro de 1979, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, no processo de Acção Especial — **Para venda de bens apreendidos a favor do Estado — com o n.º 19/79,** que corre pela 1.º Secção do 1.º Juízo do mesmo Tribunal e em que é requerente — O Digno Agente do Ministério Público nesta comarca — hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido no acto da arrematação, — **diversas bicicletas para homem, senhora e criança; várias motorizadas; peças diversas referentes a bicicletas, motorizadas, quadros, pneus, rodas, respeitantes às mesmas; um triciclo, um sacho, um picão, um poldão e um engaço; cofres portáteis, guarda-chuvas para homem e senhora, pastas para papel, sacos de viagem; diversos faróis, e rádios para automóvel; vários cobertores, mantas, calças, blusões, chapéus, chávenas de loiça e tendas para campismo ;diversas peças de roupa para criança, um rádio portátil, colheres, garfos, cinzeiros de vidro, relógios de pulso para homem, lanternas de cemitério; diversas estatuetas africanas, jarras africanas, tubos plásticos, espelhos, retrovisores, cartuchos de música, porta-chaves, porta-moedas e óculos.**

Aveiro, 26 de Janeiro de 1979.

O JUIZ DO 1.º JUIZO,

a) **Francisco Silva Pereira**

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) **Américo Correia Marques**

LITORAL - Aveiro, 16/2/79 — N.º 1237

Clube de Campismo e Caravanismo de Aveiro

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 20.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 28 de Fevereiro de 1979, na sede — Rua José Estêvão, 29-2.º/R, pelas 20.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação, discussão e votação do relatório e contas referentes ao ano de 1978;

2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1979/80.

Não estando presentes a maioria legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1979.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

a) — **Vasco José Reis Águas**

PRECISA-SE

PINTOR DE AUTOMÓVEIS. Urgente

Resposta a esta Redacção ao n.º 206

FUTEBOL

Varzim, 2
Beira-Mar, 1

centrada por Veloso, se ter escapado a Jesus — para o team aveirense.

O score ajustava-se, então, ao que os grupos tinham produzido. De entrada, o poveiro foi mais veloz e mais dominador — tendo angariado dois preciosos golos de vantagem (o segundo obtido de modo afortunado, pois o talentoso Horácio, seu autor, se encontrava caído na relva, quando meteu o pé à bola, dando-lhe o rumo vitorioso...); depois, o aveirense reagiu, muito bem, amenizando a diferença, à beira do intervalo, sem margem para espanto.

Na segunda parte, o domínio do jogo e o comando das operações foram pertença do Beira-Mar, que se exibiu em bom plano, mas foi manifestamente infeliz na concretização das suas ofensivas (Sousa e Niromar desaproveitaram ensejos magníficos para fazerem golo). Releve-se, ainda, a excelente actuação do guarda-redes Jesus — que caprichou em rubricar um punhado de defesas valorosas ante a sua antiga equipa e terá sido, porventura, a figura mais saliente do prélio! — e a quem, sem dúvida, o Varzim ficou a dever a conquista dos dois pontos.

Dum jogo correcto e com arbitragem de boa craveira, concluiremos esta nótula com a transcrição dos primeiros passos da crónica do Jornalista poveiro Luís Leal, vinda a público na terça-feira, nas colunas do «Record», logo após o elucidativo título JESUS SALVOU OS POVEIROS:

/.../ Há resultados que não condizem com o desenrolar do jogo. Este, entre poveiros e aveirenses, foi um desses, pois a equipa visitante era merecedora de melhor sorte; ou, mais propriamente, o Varzim não justificou a vitória: o empate talvez estivesse mais certo, pelo empenho posto em campo pelos beiramarenses, os quais procuraram, com afinco, o tento da igualdade, em especial no declinar da partida /.../

Deveras significativo.

EM ÁGUEDA
Beira-Mar - Boavista

de Futebol para o Estádio Municipal de Águeda — campo indicado pelos dirigentes aveirenses.

Trata-se de desafio de importância, que o Beira-Mar tem interesse em vencer, de modo a atingir — o mais breve possível — posição de total e definitiva tranquilidade na tabela classificativa. Por tudo, espera-se que, embora fora da cidade, os adeptos dos «auri-negros» compareçam em bom número em Águeda, por forma a que os jogadores possam aí sentir-se como em sua própria «casa», contando com o precioso apoio dos bons beiramarenses.

HERNÂNI
tudo para
DESPORTO
Rua Pinto Basto, 11
Telef. 23596 — AVEIRO

Continuação da última página

Moças do Beira-Mar
Sempre a viajar...

No penúltimo domingo, como já se referiu nestas colunas, as beiramarenses jogaram em Lagos. Ganharam por 14-11 à turma do G.D.A. de Lagos, em desafio dirigido pelos srs. Vítor Grade e Eduardo Fernandes, da Comissão Distrital de Faro, e no qual alinharam e marcaram:

G. D. A. Lagos — Maria Luísa, Natália, Lucília, Juca, Cristina, Helena (6), Conceição, Célia, Anabela (3), Fernanda (1), Dina (1) e Eduarda.

Beira-Mar — Ofélia, Carmito (2), Dany (2), Laide, Isabel, Teresa, Amélia (4), Lúcia (6), Célia, Graça e Glória.

Perante numeroso público, e num ambiente de grande entusiasmo, as aveirenses conquistaram vitória difícil, mas merecida. A turma algarvia, possuidora de razoável técnica, formada por atletas de boa compleição física e boa estatura, e dispondo de uma excelente guarda-redes, bateu-se com muito empenho e ofereceu magnífica réplica, vendendo cara a derrota.

Com resultado desfavorável (3-5), ao intervalo, as beiramarenses, na etapa complementar, actuaram em velocidade e puderam garantir o triunfo, deveras saboroso — tanto porque foi grandemente valorizado pelas algarvias, como porque colocou a equipa nos quartos-de-final da «Taça de Portugal» (onde é, agora, a única representante nortenha...).

Em fecho, refira-se que a arbitragem foi bastante desfavorável às auri-negras, pelo indisfarçável caseirismo de que os dois juízes algarvios deram sobejas provas...

Basquetebol

SÉRIE B - 1

Oliv. Douro - Sp. Covilhã . . 80-63
BEIRA-MAR - Visar 79-47

SÉRIE B - 2

U. Leiria - SANJOANENSE . . 62-66
Desp. Leça - Gaia 65-80
B. P. A. - Desp. Covilhã . . . 82-55

Classificações no termo da primeira volta:

SÉRIE A

	J	V	D	Bolas	P
OVARENSE	6	6	0	683-331	12
ESGUEIRA	6	5	1	496-334	11
F.º d'Holanda	6	3	3	350-438	9
Cedofeita	6	3	3	343-389	9
Ed. Física	5	2	3	257-348	7
Bairro Latino	5	1	4	292-431	6
Sp. Figueir. (a)	6	0	6	241-391	4

(a) — Averbou duas faltas de comparência.

SÉRIE B - 1

	J	V	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	5	5	0	372-267	10
Coimbrões	5	4	1	340-289	9
M. China	5	3	2	340-333	8
Visar	5	2	3	325-339	7
Oliv. Douro	5	1	4	280-334	6
Sp. Covilhã	5	0	5	269-364	5

SÉRIE B - 2

	J	V	D	Bolas	P
Gaia	5	4	1	337-286	9
B. P. A.	5	4	1	366-296	9
SANJOANENSE	5	3	2	378-351	8
Desp. Covilhã	5	2	3	304-363	7
U. Leiria	5	1	4	280-322	6
Desp. Leça	5	1	4	337-384	6

Próxima jornada

SÁBADO (à noite) — ESGUEIRA - Educação Física, Bairro Latino - OVARENSE, Francisco d'Holanda - Sporting Figueirense, Coimbrões - Oliveira do Douro, Sporting da Covilhã - Visar, União de Leiria - Gaia e Desportivo da Covilhã - Desportivo de Leça.

cha, Hernâni (8), Serafim e Jorge (6).

1.ª parte: 7-10. 2.ª parte: 7-14.

Partida agradável e muito correcta. Os portistas — que se apresentaram na máxima força — venceram, como se esperava, mas deverá relevar-se o bom comportamento dos beiramarnses, que — sobretudo até ao intervalo — ofereceram magnífica réplica.

De assinalar as excelentes exibições dos guarda-redes Januário e Amorim e de Patarrana, que reapareceu na turma do Beira-Mar, após larga ausência.

Arbitragem francamente positiva, conduzida com acerto e sem problemas.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 27 DO «TOTOBOLA»

25 de Fevereiro de 1979

1 — Portalegrense - Sporting 2
2 — Boavista - Leixões 1
3 — Atlético - Belenenses 2
4 — Braga - Benfica X
5 — Paços Ferreira - Fafe X
6 — Rio Ave - Feirense 1
7 — Odivelas - Penafiel X
8 — Saragoça - Espanhol 1
9 — Real Sociedad - At. Madrid 1
10 — Raio Vallecano - Gijon 2
11 — Valência - Burgos 1
12 — Salamanca - At. Bilbau X
13 — Real Madrid - Las Palmas 1

ANDEBOL de SETE

reira, da Comissão Distrital de Aveiro.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Januário (Carlos), José Carlos, Rocha, Patarrana (7), David (2), Nuno (2), José Silvares (1), Marinho, Ricardo, Chico Costa (2) e Fernando Silvares.

PORTO — Mota (Amorim), Loreto, Remelho (1), Monteiro (2), Areias (4), Pinho (4), Montenegro (3), Ro-

Precisa-se

Técnico com conhecimentos de T.V. e Rádio.

Informa A ELECTRI-GAZ - Alfredo Rodrigues Ferreira, L.da - Telefone 74272.

3770 Oliveira do Bairro

A. FARIA GOMES

MÉDICO - ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA

CIRURGIA ORAL e REABILITAÇÃO

Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

Aos nossos prezados assinantes

lembramos a conveniência de efectuarem o pagamento das respectivas assinaturas, pessoalmente, ou por vale ou cheque, assim evitando as despesas de cobrança.

CETA - CÍRCULO EXPERIMENTAL DE TEATRO DE AVEIRO

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados do CETA - CÍRCULO EXPERIMENTAL DE TEATRO DE AVEIRO, para reunirem em Assembleia Geral na sede da colectividade sita na Rua das Tomásias, n.º 14, Aveiro, pelas 21.00 horas do dia 20 de Fevereiro de 1979, a fim de deliberarem sobre a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. — Apreciação e aprovação do Relatório de Contas da Comissão Administrativa relativo ao biénio de 1977/1978.
2. — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1979.
3. — Discussão e votação da seguinte proposta, apresentada pela Comissão Administrativa.

PROPOSTA

Considerando que não foi possível a esta Comissão Administrativa proceder a cobrança das quotas -

Considerando o decurso de 3 anos em que se deixou de verificar o sistema de cobrança de quotas ao domicílio (desde 1976) -

Considerando que urge resolver o passivo existente resultante da ausência da receita das quotas -

Considerando o valor desactualizado das quotas face ao agravamento dos custos de materiais e das despesas da colectividade -

Considerando a necessidade de rever o sistema de pagamento de quotas

PROPÕE-SE :

1. Considerar como prescritas as quotas não cobradas até Dezembro de 1978.
2. — Que o pagamento da quota seja semestral e antecipado devendo o associado durante os meses de Janeiro e Julho de cada ano, proceder ao pagamento da sua quota na Sede da Colectividade, ou proceder ao envio da respectiva quantia por cheque ou vale de correio.
3. — Que o valor mínimo da quota seja actualizado para 60$00 semestrais.

Aveiro, 31 de Janeiro de 1979

O Presidente da Assembleia Geral,

Luís Fernando Ferreira Monteiro Rebocho

MAYA SECO

MÉDICO - ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS

Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

RETROSARIA NOVA

TEXTIL, DECORAÇÕES, LDA.

VELUDOS — ESTOFOS — TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — FRANJAS — GALÕES — ACESSÓRIOS NOVIDADES

Atelier

CASA ESPECIALIZADA EM DECORAÇÃO

Para decorar com bom gosto a sua casa, prefira os nossos trabalhos especializados

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 35 — Tel. 24827 — AVEIRO

Postal ilustrado

Continuação da 1.ª página

dono. Que se saiba nunca fez mau negócio.

A vida, para ele, escorria quotidianamente entre as azenhas e as «arregadas», nome que ele dava às suas leiras de regadio.

Era um homem jovial em cara de sisudo. Nem podia ser doutra maneira, que um homem, quando tem uma ninhada de filhos, tem de se armar em general. E um general é sempre um homem sisudo.

Um dia, quando o ti-Francisco já havia entregue ao filho mais velho a «gerência» das azenhas — e só o fez quando as canetas vergaram ao peso dos anos! —, convidei-o para vir assistir a uma exibição de filmes de pouca metragem que um grupo de amigos meus exibiria nessa noite num palheiro próximo do moinho. E ele veio.

Os filmes eram de amor e o velhote, enfarinhado, de chapéu na mão, sentado no escabelo, a um canto da lareira, via silenciosamente a projecção. A boca abria-se-lhe, de vez em quando, em esgares de espanto... mas não soltou palavra que se ouvisse.

A sessão, finalmente, acabou. O ti-Francisco levantou-se, ajeitou o chapéu como quem procura um gesto ou uma palavra de circunstância. Reparei então que os seus olhos brilhavam. Seria por vergonha? Seria por ser um velho no meio de malta nova? Arrisquei uma pergunta: gostou, ti-Francisco?

O homem olhou para mim num breve instante, enquanto se distraía a modos que a ajeitar o chapéu, em gestos que se via serem inúteis. Respondeu-me com evasivas, com uma certa gaguez que até então nunca lhe havia notado: é tarde, vou-me embora, fiquem vocês, eu vou-me embora.

E lá foi murmurando, de forma que ainda ouvimos: isto é o cabo dos trabalhos... isto é o cabo dos trabalhos...

Ficámos a olhar uns para os outros, eu receando até uma lição de moral...

Mas passadas umas semanas, qual não é o meu espanto, quando nos voltámos a encontrar, eu e ele, me atira de chofre uma pergunta concisa: quando é que volta o cinema? *(E os olhos luziam-lhe como na tal noite...)* Quando volta outra vez, quando, quando?

★

Já morreu. E nunca mais viu cinema o pobre do ti-Francisco! Mas se na outra vida se consente um certo entendimento desta, ele está à nossa espera. De certeza.

MIGUEL CARRUÇO

Conversando com José Júlio Fino

Conclusão da 3.ª página

nas, postas pela Direcção. Há vários convites, ao contrário do que poderia julgar-se, para o CETA sair. **A Direcção não lhes dá sequer resposta, e somos nós, se queremos ir representar, a forçar a Direcção a mexer-se. Fui eu que insisti e a forcei, levando-lhe todos os papelzinhos à mão, para que o CETA participasse no Festival dos Sindicatos.**

O Grupo de Teatro. A falta de quadros teóricos. J. J. F. promoveu um curso de encenação. Promoveu o lançamento de um novo encenador, José Luís F. Figueiredo, que ensaia «A Estalajadeira» de Goldoni: 1979??

A possibilidade de as próximas eleições forjarem uma Direcção resoluta e capaz. J. J. F. admite a hipótese de se ir pensando numa lista de nomes decisivos (haverá, se a Direcção der andamento a uma sua proposta, uma convocação de todos os colaboradores válidos mais ou menos des/ligados ao Círculo com vista à superação do impasse actual) com a qual ele poderia assumir determinados compromissos (tácitos, uma vez que não põe a hipótese de integrar qualquer lista). O objectivo deverá ser sempre o de levar o CETA para uma actividade regular e completa. O objectivo é transformar o CETA num grupo profissional de Teatro.

O Círculo. Todas estas questões abordadas à mesa do café. Agora creio, eu M. C., que o importante é ferir de morte o marasmo dos directivos ou até o dos eventuais futuros, que não pensam ainda nisso, nisto que consta, sequer. E todavia, preocupava-me a um outro registo da consciência com questões como a do círculo fechado que «usufrui cultura». Da necessidade de romper barreiras com o público. E passar para aquele palco do quotidiano do mesmo, um saber enfrentar as coisas que empolgasse as massas nas suas possíveis verdade e noutras sempre possíveis. Aquela nova presença que destruísse e acumulasse saber do povo, dos povos. E fortificasse mentes: decrépitas, vazias, alienadas... (conversa fiada — como as cerejas, com bicho — dirão os Senhores Chateados de tanta desalienação, afinal pouca ou nenhuma... Sim! Pouca ou nenhuma!... Ou pensam que temos medo das nossas contradições?).

J. J. F.: Tenho consciência dos imensos problemas de fundo que se põem hoje ao Teatro. Mas creio que é preciso, para já, captar as pessoas.

Repensar o Teatro como se repensa tudo. Chavão. E tudo isto à mesa de um café, quando, acordados em acordo para o que disse dito Niklas Skapinakis, o que acabou por impor-se... era um trabalho de sapa. Ferir de morte... Cf.

«Assegurar-lhes (aos círculos...) a sobrevivência pode revelar-se fundamental não só pelo poder de fascínio que geralmente exercem e pode ser utilizado na divulgação e animação culturais, mas como uma condição de preservação de uma qualidade cultural susceptível de impedir a deterioração do gosto e um falso democratismo criativo.»

E José Júlio Fino.

Apostar em como o centro de dinamicidade, incluindo todos os chavões e todos os teoremas culturantes, já que tudo se repensa a partir de dentro, pode estar aí. Nele.

Também já me meti na pele de administrador, diz. Também já «desviei» caixotes da Praça do Peixe para montar o cenário de «O Lugre».

Mas penso que o meu papel neste momento é outro.

Estarei sempre com o CETA... Se também os outros se comprometerem ao trabalho.

MIGUEL CARVALHO

EM QUALQUER ÉPOCA

GALERIA
ICONE
de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO

(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
PAPÉIS
ALCATIFAS
LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

VENDE-SE MORADIA

Na Praia da Barra, com 3 quartos, sala comum, cozinha, casa de banho, w.c., garagem e p. quintal.

CONSTRAVE

Telef. 25076 — AVEIRO

FESTIVAIS

Continuação da 1.ª página

o aprendizado do uso da língua-materna, falada ou escrita, que o aluno, agora adolescente, vai digerindo e assimilando gradualmente, como é próprio de um bom fenómeno digestivo.

Entretanto, e sem que o estudante se apercebesse, foram-se criando nele factores constituintes de sentimentos de ordem estética que o estimulam para a apreciação dos vários degraus de beleza resplendentes da prosa de um «Júlio Diniz», de um Eça ou de um «Miguel Torga».

Pode ainda continuar ou não estudos de grau superior, mas estes irão sempre apoiar-se sobre o que ficou dos estudos anteriores no substrato intelectual do indivíduo. E este substrato, à maneira de alicerces, aguentará, com maior ou menor verticalidade, o edifício mais ou menos elevado que as escolas se propuserem construir-lhe em cima.

Em suma: ao fim de longo tempo de estudos e canseiras, de trabalhos e frequências escolares, um indivíduo consegue estar apto a apreciar a correcção de linguagem ou a beleza literária de um trecho linguístico. E nem sempre!

Comparemos com o que se passa no campo musical. Se a criança é razoavelmente dotada e os pais podem enriquecê-la com conhecimentos deste tipo, começam por mandá-la a casa da Senhora Dona Fulana de Tal, senhora muito respeitável e talvez boa executante de um instrumento (regra geral, piano), mas que não pode, apenas com as suas lições, ministrar uma capaz cultura musical. Esta Senhora, na melhor das hipóteses, prepara aquelas meninas que faziam as delícias dos salões queirosianos quando exibiam os seus dotes musicais perante os parentes próximos e babados. Não podem ir mais além. As excepções, se as houver, confirmam a regra.

A instituição escolar de bom nível é uma coisa muito séria que nem pode estar entregue a improvisações nem a opiniões solitárias.

Foi à luz deste pensamento que surgiu o Conservatório de Aveiro. Teve a sorte de inicialmente contar com alunos muito bons — Mário Mateus, Fernando Eldoro, pianista Vidal, Manuel Teixeira e outros — mas também estes alunos foram «feitos» e «trabalhados» por professores não menos bons. Hoje os alunos atrás citados são nomes grandes da música em Portugal, e se mais não há, oriundos do nosso Conservatório, é porque também ele teve que atravessar a sua hora de *«progressismo»* e pagar o respectivo tributo.

A nossa figura nos Festivais tem sido desde sempre uma triste *figura de urso*. Insultam-se os intervenientes, os concorrentes afastados tratam mal os membros do respectivo júri. Formam-se claques, mais ou menos aguerridas, que se mimoseiam mutuamente com os mais arrebicados piropos. E ninguém diz onde está o mal! Talvez seja preciso surgir um leigo para apontar com o dedo em riste: o mal de tudo o que tem acontecido está na ignorância colectiva, de autores, de organizadores, de júris, de intérpretes e de figurantes. Eles não podem aperceber-se do nível estético-musical porque não há entre nós cultura musical bastante. Lembro-me de um Homem já falecido, professor de harmonia musical. Era unanimemente considerado uma autoridade sobre o assunto, pelo que era disputado por todas as poucas escolas existentes. E isto porque era considerado como *único*.

Assim mesmo a vida das Escolas: 2 a 5 por cento de alunos bons (futuros professores do respectivo ensino), 30 a 40 por cento de alunos razoáveis e os restantes.

Haja pois a coragem de dizer: — O nosso mal está na ignorância!

Criemos escolas de música e saibamos mantê-las abertas e de fácil acesso para os nossos jovens. Só assim se poderão criar elites de competência.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Achegas para a Historiografia Aveirense

Conclusão da página 3

não terá passado por crises?) proclamava, convincente, e em alto e bom som: — Enquanto a «Música Velha» tiver caixa, bombo e pratos, para mim, é a melhor do mundo!

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

P.S. — Corrigo e completo a relação dos mestres das Bandas Regimentais a que me referi no artigo antecedente, com o número XXXVI.

O primeiro chefe (o que veio com a Banda para Aveiro) foi o Tenente Ferreira, de quem eu não me lembro; e, o último, foi o Tenente Pereira dos Santos.

Foi este, e não o Capitão Biscaia, o autor das marchas e outras composições musicais dedicadas às associações locais. A que ele dedicou à Sociedade Recreio Artístico foi baseada no Hino desta Sociedade.

Peço desculpa do erro cometido, o que se deve a um lapso de memória para o qual um amigo, que foi músico, me chamou a atenção. —J.E.C.

Universidade de Aveiro

1 — Está aberto concurso, até 23 de Fevereiro do corrente ano, entre licenciados ou bacharéis, para o preenchimento dum lugar de direcção de um gabinete de informação e relações públicas, devendo os candidatos apresentar curriculo detalhado e obedecer às seguintes condições:

— Ter curso especializado adequado e/ou prática de relações públicas e de organização de informação;

— Falar e escrever correntemente o francês e o inglês e se possível o alemão.

2 — A correspondência deverá ser dirigida à Administração da Universidade.

Aos construtores civis

Terreno para construção de grande bloco residencial e comercial na zona central da cidade, (Avenida 5 de Outubro), com cerca de 65 metros de duas frentes.

Aceitam-se propostas.

Informa José Vieira, na Rua José Rabumba, n.º 7 — AVEIRO.

Organização e Contabilidade

Grupo de Contabilistas com prática de Organização, propõe-se a:

— Proceder à elaboração de escritas (Grupos A e B);

— Estudos de viabilidade;

— Deslocações a empresas p/ organização dos serviços de contabilidade.

Resposta a: R. Combatentes da Grande Guerra, 47-1.º — Telef. 28942/3 — AVEIRO.

Precisa-se em Aveiro

Casa para habitar, mínimo 4 assoalhadas.

Renda de 8 000$00 a 10 000$00

Resposta a esta Redacção, ao n.º 203

ARQUIVO

Resultados da 19.ª jornada

V. Setúbal - V. Guimarães	2-0
Sporting - Estoril	4-0
Boavista - Famalicão . .	3-0
Varzim - BEIRA-MAR . .	2-1
Ac. Coimbra - Ac. Viseu.	4-0
Marítimo - Barreirense . .	4-0
Belenenses - Porto . . .	0-0
Braga - Benfica	0-2

Tabela de Pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	18	14	1	1	40-9	29
Porto	19	11	7	1	37-15	29
Sporting	19	10	6	3	28-16	26
Braga	19	10	2	7	30-20	22
Varzim	19	7	7	5	21-19	21
V.Guimarães	18	8	4	6	26-20	20
Belenenses	18	6	7	5	29-24	19
Famalicão	18	6	5	7	12-16	17
Boavista	19	7	3	9	20-24	17
BEIRA-MAR	19	8	1	10	31-35	17
V. Setúbal	19	6	4	9	19-28	16
Estoril	19	4	8	7	15-28	16
Barreirense	19	5	4	10	14-27	14
Ac. Coimbra	18	4	5	9	13-18	13
Marítimo	19	4	5	10	18-26	13
Ac. Viseu	18	4	1	13	9-38	9

Próxima jornada—dias 17 e 18

Estoril - V. Guimarães (1-3)
Famalicão - Sporting (0-3)
BEIRA-MAR - Boavista (1-4)
Ac.º Viseu - Varzim (0-2)
Barreirense - Ac. Coimbra (1-2)
Marítimo - Porto (1-3)
Benfica - Belenenses (0-1)
Braga - V. Setúbal (0-2)

TAÇA DE PORTUGAL

Conforme nestas colunas anunciámos, teve lugar, na tarde de domingo passado, a terceira eliminatória da «Taça de Portugal» — apurando-se, na Zona Norte, os seguintes resultados gerais (ditando-se, consequentemente, o afastamento da prova das turmas derrotadas):

Leiria - AMONÍACO	24-22
A.B.C. Braga - S. BERNARDO	19-21
BEIRA-MAR - Porto	14-24
MONTE - Desp. Portugal . . .	(a)
Vildemoinhos - Ac.ª S. Mamede.	24-35
Vigorosa - Progresso	20-24
OLEIROS - U. Figueirense . .	21-10
Braga - A. Pombal	(adiado)
Padroense - Vilanovense . . .	22-17
Académica - A. Paz	35-19
Maia - P. Natureza	36-11
Espinho - Guarda	40-15
Egitanienses - Fermentões . .	24-25
Famalicense - Sismaria	18-28

(a) — **Desfecho que não conseguimos apurar**

Beira-Mar, 14 — Porto, 24

Jogo na tarde de domingo, no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem dos srs. Sousa Pereira e João Fer-

Continua na página 6

Campeonato Nacional da I Divisão

POVEIROS DEVERAS AFORTUNADOS...

Varzim, 2 - Beira-Mar, 1

Jogo no Estádio do Varzim, na Póvoa do Varzim, sob arbitragem do sr. Lopes Martins, coadjuvado pelos srs. Monteiro Alves e Euclides Marques — equipa da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos formaram deste modo:

VARZIM — Jesus; Montóia, Festas, Albino e Guedes; Pinto, João e Francisco Mário; José Domingos (Paris, aos 77 m.), Horácio e Jarbas.

BEIRA-MAR — Padrão; Manecas, Sabú, Quaresma e Soares; Lima (Cambraia, aos 77 m.), Veloso e Sousa; Niromar, Garcês e Germano.

Suplentes não utilizados — Freitas, Pena e Leopoldo, no Varzim; e Rola, Leonel, Vala e Keita, no Beira-Mar.

Acção disciplinar — Aos 84 m., o árbitro exibiu «cartão amarelo» a Guedes, capitão dos varzinistas, por ter cortado com a mão uma jogada ofensiva (que se antevia perigosa) dos beiramarenses.

O resultado do desafio ficou estabelecido na primeira parte, com golos de JARBAS (12 m.), em disparo de fora da área, por alto, em lance em que Padrão foi mal batido, e HORÁCIO (22 m.), em oportuna e feliz emenda, na sequência de pontapé de recarga de João — para a turma poveira; e GARCÊS (28 m.), com remate colocado, depois da bola

Continua na página 6

ÁGUEDA • NA TARDE DE SÁBADO VAI SER PALCO DO JOGO

Beira-Mar - Boavista

A próxima jornada do «Nacional» da I Divisão tem dois jogos antecipados para a tarde de amanhã, sábado: BEIRA-MAR - Boavista (com início às 15 horas) e Marítimo - Porto (a começar às 16 horas).

O encontro entre beiramarenses e boavisteiros, em consequência da interdição do Estádio de Mário Duarte, não se disputa em Aveiro, tendo sido marcado pela Federação Portuguesa

Continua na página 6

As componentes da turma feminina do Beira-Mar, campeã distrital: de pé (acompanhadas pelo treinador Alfredo Vaz Pinto), Olívia, Adelaide, Ana, Cristina, Isabel Garcia e Ofélia; à frente, Lúcia, Amélia, Isabel Pires, Graça, Célia e Carmito.

MOÇAS DO BEIRA-MAR SEMPRE A VIAJAR...

Tal como na época anterior, em que só jogou fora de Aveiro, também na temporada em curso os sorteios a contar para a «Taça de Portugal» estão a ser muito desfavoráveis (principalmente no aspecto económico) para a turma do Beira-Mar.

De facto, depois de se ter deslocado ao Algarve, nos oitavos-de-final, onde venceu e eliminou o G.D.A. de Lagos, o Beira-Mar terá de fazer nova viagem longa, pois a série de jogos que o sorteio designou para os quartos-de-final (Ginásio do Sul - Liceu D. Pedro V, Almada - BEIRA-MAR, Liceu de Oeiras ou Liceu Maria Amália - Sporting e Benfica - Liceu do Estoril) obriga as esperançosas e dedicadas moças beiramarenses a novo actuação na «casa» das suas adversárias.

Parece sina, destino inevitável... As moças do Beira-Mar, sempre a viajar... — quando, bem ao contrário, se ambicionava que um joguito, pelo menos, calhasse a ser em Aveiro.

Continua na página 6

S. Bernardo - Académica de S. Mamede

no reatamento do "Nacional"

Depois do intervalo determinado pela paragem aproveitada para se realizar uma eliminatória da «Taça de Portugal», o Campeonato Nacional da I Divisão reata-se amanhã, sábado, para se efectuarem os jogos da vigéssima jornada — antepenúltima da fase inicial da prova, que, a seguir, terá novo interregno (então de duas semanas), precedendo as jornadas n.º 21 e n.º 22, respectivamente marcadas para 10 e 13 de Março próximo.

A ronda de amanhã reveste-se de muito interesse, sobretudo para as equipas que desejam qualificar-se para acompanhar o Porto na fase final. E, porventura, o jogo principal é o que se joga em Aveiro, o S. BERNARDO - Académica de S. Mamede — marcado para a tarde, com início às 17.30 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo, pois é decisivo para as aspirações das duas equipas.

A jornada engloba ainda os prélios Padroense - Espinho, Maia - BEIRA-MAR, Académico - Porto, Desportivo da Póvoa - Vilanovense e Francisco d'Holanda - Gaia.

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 12.ª jornada

SLO/Macwester - Benfica . . .	66-94
Algés - Sporting	66-84
SANGALHOS - Ginásio	90-86
Sport - Ac.º Coimbra	66-63
Cdup - Barreirense	56-76
Porto - Atlético	(adiado)

Resultados da 13.ª jornada

Algés - Benfica	40-72
SLO/Macwester - Sporting . .	65-80
Sport - Ginásio	71-77
SANGALHOS - Ac.º Coimbra .	90-63
Porto - Barreirense	93-68
Cdup - Atlético	(adiado)

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Porto	12	12	0	1121-812	24
Benfica	13	11	2	1102-882	24
Sporting	13	11	2	1208-916	24
Ginásio	13	9	4	1198-1007	22
Barreirense	13	8	5	1086-1015	21
SANGALHOS	13	6	7	978-1009	19
Ac. Coimbra	13	5	8	996-1072	18
Sport	13	5	8	944-1102	18
SLO/Macwest.	13	3	10	948-1028	16
Algés	13	3	10	874-1092	16
Atlético	11	2	9	808-1034	13
Cdup	12	1	11	734-1007	12

Próximos jogos

SÁBADO (à noite) — Ginásio Figueirense - SLO/Macwester, Académico de Coimbra - Algés, Benfica - Cdup, Sporting - Porto, Barreirense - SANGALHOS e Atlético - Sport.

DOMINGO (à tarde) — Académico de Coimbra - SLO/Macwester, Ginásio Figueirense - Algés, Sporting - Cdup, Benfica - Porto, Atlético - SANGALHOS e Barreirense - Sport.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 16.ª jornada

Académico - Leça	97-62
Salesianos - Guifões	75-56
GALITOS - Olivais	76-75
Académica - Vasco da Gama . .	56-52
ILLIABUM - Naval	65-63
Vilanovense - C.P.Matosinhos	(adiado)

Resultados da 17.ª jornada

C. P. Matosinhos - Académico .	72-85
Leça - Salesianos	74-61
Guifões - Olivais	71-84
GALITOS - Académica	88-45
Vasco da Gama - ILLIABUM .	65-57
Naval - Vilanovense	92-67

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Académico	16	14	2	1131-953	30
Olivais	17	13	4	1303-1010	30
Salesianos	17	12	5	1216-1134	29
GALITOS	16	11	5	1120-1043	27
Naval	17	9	8	1257-1262	26
Leça	17	8	9	1151-1205	25
Guifões (a)	17	7	10	1071-1198	23
Académica	17	6	11	1037-1169	23
V. da Gama	17	5	12	1006-1100	22
ILLIABUM	16	5	11	926-1023	21
Vilanovense	15	5	10	1023-1100	20
C.P.Matosin.	16	4	12	1120-1180	20

(a) — Averbou uma falta de comparência.

Próximos jogos

SÁBADO (à noite) — Salesianos - Académico, Olivais - Leça, Académica - Guifões, ILLIABUM - GALITOS, Vilanovense - Vasco da Gama e Naval - C. P. Matosinhos.

DOMINGO (à tarde) — C. P. Matosinhos - Salesianos, Académico - Olivais, Leça - Académica, Guifões - ILLIABUM, GALITOS - Vilanovense e Vasco da Gama - Naval.

III DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 7.ª jornada

SÉRIE A

F.º d'Holanda - ESGUEIRA .	46-70
Bairro Latino - Ed. Física . .	(a)
Cedofeita - OVARENSE . . .	65-113

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Na terceira e na quarta jornadas dos campeonatos nacionais (juniores e juvenis) de basquetebol, as turmas aveirenses, nos jogos que realizaram, no passado fim-de-semana, alcançaram os seguintes resultados:

JUNIORES — Ginásio, 85 — BEIRA-MAR, 35. SANGALHOS, 72 — GALITOS, 66. BEIRA-MAR, 69 — Sporting da Covilhã, 30. GALITOS, 89 — O. C. Barcelos, 20. Académico de Coimbra, 126 — SANGALHOS, 42.

JUVENIS — Académico de Coimbra, 99 — ILLIABUM, 28. Desportivo da Covilhã, 105 — ILLIABUM, 79. Académico de Coimbra, 126 — SANGALHOS, 42. (Não apurámos o resultado do encontro Desportivo da Covilhã - SANGALHOS).

No passado fim-de-semana, no **III Meeting Internacional de Lisboa,** estiveram presentes quatro nadadores do Sporting de Aveiro: Margarida Sousa, Paula Borges, João Pelaio e Paulo Pintassilgo.

Estão já autorizadas, pela Direcção-Geral de Desportos, treze competições nacionais de «karting», no decurso de 1979. O calendário definitivo será divulgado dentro de dias, mas sabe-se, no entanto, que a primeira prova terá lugar em 28 e 29 de Abril e que a última [illegible] ven[illegible]

XADREZ

TORNEIO ABERTO DO ANO NOVO

Disputou-se, nesta cidade, nos dias 10 e 11, a fase final do **Torneio do Ano Novo** — organizado, como nestas colunas já noticiámos, pela Associação de Xadrez de Aveiro e pela Delegação Distrital da Direcção-Geral de Desportos.

Podemos indicar, já hoje, as classificações finais da prova, que foram as seguintes:

1.º — Carlos Fonseca (Sporting de Aveiro), 3,5 pontos. 2.º — Dinis Santos (Galitos), 3,5. 3.º — Dr. Luís Regala (Sporting de Aveiro), 3. 4.º — Silas Granjo (Núcleo de Xadrez do Troviscal), 3. 5.º — António Pinho (Grupo Cultural de Cucujães), 3. 6.º — Sérgio Braga (ADREP da Palhaça), 2. 7.º — Luís Costa (ARCA de Oliveira de Azeméis), 2. 8.º — António Garcia (Leões do Monte, de Cucujães), 2. 9.º — António Pintor (ARCA de Oliveira de Azeméis), 2. 10.º — Alcides Santos (Amoreira da Gândara), 1,5. 11.º — José Henriques (ARCA de Oliveira de Azeméis), 1. 12.º — Artur Mota (ARC da Malhada), 1. 13.º — Manuel Melo (Seminário de Aveiro), 0,5.

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

AVEIRO, 16-FEVEREIRO-79
ANO XXV — N.º 1237

PORTE PAGO

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO

1-820 29-